

O migrante carioca no sul: questões lingüísticas

Ester Dias de Barros¹, Valesca Brasil Irala²

¹ Bolsista do Programa de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico – UNIPAMPA

² Professora da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA (orientadora)

esterdias.barros@hotmail.com, valesca.irala@unipampa.edu.br

Resumo. *Considerando a vasta diversidade cultural e de dialetos do nosso país, esta pesquisa propõe analisar questões lingüísticas que envolvem falantes de uma determinada região do país, os quais por algum motivo, necessitam migrar-se, inserindo-se assim no meio lingüístico do “outro”. Utilizando os aportes teóricos de Coracini (2007a e 2007b) e Moita Lopes (2003), este artigo pretende mostrar como é para o falante de uma mesma língua materna se sentir estrangeiro em seu próprio país, em contato com o “novo” dialeto. Como o falante de um determinado meio lingüístico se sente e se percebe quando imerso num dialeto distinto do seu? A metodologia utilizada foram gravações feitas em áudio com 10 migrantes cariocas em Bagé-RS, cidade localizada no sul do país, onde através do discurso dos entrevistados foram analisadas marcas lingüísticas e identitárias, a fim de compreender questionamentos pertinentes ao falante quando “está entre dialetos”.*

Resumen. *Teniendo en cuenta la gran diversidad cultural y de dialectos de nuestro país, esta investigación sugiere examinar cuestiones relacionadas con la lengua, en específico, con hablantes de una región específica del país, que por alguna razón, necesitaron migrarse en dirección al medio lingüístico del “otro”. El uso de las contribuciones teóricas de Coracini (2007a y 2007b) y Moita Lopes (2003), este artículo tiene como objetivo mostrar cómo es para el hablante de la misma lengua materna se siente extranjero en su propio país, al entrar en contacto con el “nuevo” dialecto. ¿Cómo el hablante originario de un cierto medio lingüístico se siente al depararse con un dialecto distinto del suyo? La metodología utilizada fueron grabaciones de audio hechas en Río con 10 inmigrantes en Bagé-RS, ubicada en el sur de la ciudad al sur del país, donde a través del discurso de los entrevistados se consideraron las marcas de identidad lingüística, para comprender las cuestiones relativas al hablante cuando está “entre dialectos”.*

Palavras-chave: migração; dialeto; identidade.

Palabras clave: migración; dialecto; identidad.

1. Introdução

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar através de marcas lingüístico-discursivas o fato do falante se sentir estrangeiro imerso numa mesma língua materna. Nesse artigo,

foram feitas entrevistas com cariocas que atualmente residem na cidade de Bagé, que por semelhantes razões necessitaram migrarem-se. Para a análise foram utilizadas gravações feitas em áudio, onde através dos discursos dos falantes foram analisadas características lingüísticas que apontam como o estrangeiro¹ se sente e se percebe em seu próprio país, quando inserido em um contexto dialetal distinto do seu.

2. Pressupostos teóricos

Ao analisarmos a história do nosso País, percebemos as inúmeras diversidades culturais e de dialetos, dentre as quais variam muito de uma região para outra. Em determinadas circunstâncias e por inúmeras razões ocorrem deslocamentos de pessoas provenientes de seu Estado de origem para outras regiões, o que chamamos de migração. Com imersão no dialeto do “outro” o falante depara-se com o “novo”, com o diferente, com um universo lingüístico que não é “seu”, mas do “outro”, sentindo-se estranho, ou seja, estrangeiro.

Estamos habituados a tomar o conceito de Língua Estrangeira (LE) somente no que concerne aos distintos idiomas existentes, desconsiderando o que seria a “língua estrangeira”² dentro de um meio lingüístico pertencente ao falante de um mesmo idioma. Quando nos inserimos no dialeto do “outro”, deparamos com uma parecida problemática de um falante de uma determinada língua quando em contato com o novo idioma, vivenciando inicialmente o incompreensível e o desconhecido mundo lingüístico do “outro”.

Coracini (2007a, p. 123) relata que a língua materna é o lugar do aconchego, do bem-estar, do repouso, onde reside o conforto para o falante. Se a língua materna constitui o homem como sujeito, é nela que vamos encontrar esse abrigo e essa proteção. Nessa perspectiva, o falante delimita o que é a “sua” língua e o que é a língua do “outro”, e assim, se incluindo em um meio lingüístico e cultural que é “seu”. “Mas o sentimento de controle, de divisão das línguas não passa de uma ilusão.” (CORACINI, 2007a, p. 123).

O fator lingüístico e cultural que se submete o migrante dentro de um contexto regional se torna conflitante, uma vez que para o falante o contato com um universo lingüístico que não é “seu”, que não pertence à língua (e, ou dialeto) que o constitui sujeito acaba gerando um sentimento de perda de sua identidade. Esse sentimento de perda também é causado pela sensação de não fazer parte daquele meio, daquele grupo social, de não pertencer aquele meio lingüístico e cultural que é visto como do “outro”.

2.1 O luto

Levando em consideração o migrante que também se torna estrangeiro mediante ao novo dialeto³ devemos compreender a importância do discurso para diagnosticarmos a necessidade do falante fazer luto ou não de seu dialeto. Coracini (2007b), fundamentada

¹ O estrangeiro deve ser entendido aqui, como o falante pertencente a uma determinada região que se insere em uma nova região, onde em contato com o novo dialeto o torna estrangeiro com relação ao dialeto do “outro”.

² A palavra “língua estrangeira” deve ser compreendida nesse contexto no sentido de variações de dialetos que ocorrem entre as regiões do País.

³ Entendemos por dialeto, variações de palavras e sons que se tornam incompreensíveis por falantes de uma mesma língua.

nas teorias freudianas, abre um leque de possibilidade a se pensar sobre as perdas e sobre o luto, aproximando o que Freud determina de “trabalho de luto” ao que acontece com os falantes quando inseridos em um novo universo lingüístico e cultural.

O morto permanece vivo na repetição dos traços, rastros que sobre-vivem naqueles que com ele viveram e que são a garantia de sua sobre-vida... Marcas indeléveis deixadas no corpo do outro que não se apagam, ainda que se apague a chama da vida do outro (agora morto) que nele se inscreveu! O mesmo, parece, ocorre com a língua e, nela e com ela, com a cultura na qual se e(in)screve o sujeito. (CORACINI, 2007, p.86).

Relacionando o que Coracini afirma com a situação vivenciada por falantes de um determinado dialeto, ou seja, pertencente a um determinado meio que o constitui sujeito da linguagem ⁴, vamos ao encontro de compreender o motivo pelo qual o falante necessita fazer luto ou não da sua língua ⁵. Partindo da perspectiva que “o luto, além de indicar o momento posterior à morte de alguém, que, enterrado deve aí permanecer e não mais voltar, indica também um período de tristeza, em que o apego ao morto querido – que desejamos estivesse vivo- traz sofrimento, saudades, falta...” (CORACINI, 2007, p. 86)

Segundo Coracini (2007b, p.86) o luto pode apresentar-se de duas maneiras: ou desejar que o morto não retorne, ou desejar preservar sua memória, e assim sendo, “o morto está mais vivo do que nunca, que ele permanece, não apenas na lembrança, mas nos hábitos, nas atitudes, no pensamento, na maneira de agir...” (CORACINI, 2007b, p. 86) Essa questão fica bem visível quando falamos do estrangeiro falante de modo geral, no sentido que tomamos como compreensível a palavra em si.

É compreensível que o falante delimite a sua língua e a do outro, uma vez que está incorporada ao medo de perda de sua identidade e de si que o outro dialeto pode implicar, porém, na realidade, de forma ilusória. Nesse sentido, ele tende a preservar suas origens, e uma forma de assim fazer, é conservando seu dialeto e/ou sotaque, resistindo a todo tempo, mesmo que inconscientemente, incorporar à sua fala o que para ele não pertence ao seu meio lingüístico e cultural.

Na realidade, existem também falantes que tem a necessidade de querer fazer parte daquele novo grupo lingüístico-cultural que está inserido. Essa vontade é decorrente da necessidade de ser aceito, de não ser visto como o “outro”, como um estrangeiro, mas sim como parte daquele grupo. Vale ressaltar, que o preconceito lingüístico funciona como um agente intensificador nesse processo. Muitas vezes, por medo ou vergonha de ser visto como aquele que não faz parte daquele meio, que não pertence aquele lugar.

Essa relação estabelecida se torna válida se considerarmos que “um sentimento de mal-estar emerge freqüentemente através de uma espécie de embaraço cultural provocado pela língua de outro em confronto com a língua dita materna, suposto lugar de afeição e de completude (ainda que ilusória) onde se produz o sentimento de segurança da identidade” (CORACINI, 2007a, p. 131) Contudo, esse luto ocorre não somente quando nos referimos ao estrangeiro com relação a sua língua materna, afinal, o migrante também é estrangeiro em seu próprio país.

⁴ A palavra linguagem possui aqui o sentido de língua como linguajar, ou seja, dialeto de uma determinada região.

⁵ Língua na mesma acepção de linguagem, mencionada acima.

2.2 O discurso

Considerando que o migrante se torna estrangeiro quando em contato com um novo meio lingüístico e cultural, utilizaremos o discurso como meio de compreender o que de fato os leva ao sentimento de estrangeiridade. Nessa perspectiva, tenta-se entender como é para o falante com características identitárias de uma determinada região se inserir na língua do outro e conseqüentemente na cultura que não é a sua, mas do “outro”. Vejamos o que Moita Lopes nos diz com relação ao discurso:

Todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que posicionam no discurso de um modo singular assim com seus interlocutores... Isso quer dizer que quando usamos a linguagem não o fazemos com um interlocutor ou usuário simplesmente, mas como, por exemplo, um homem mulato, bissexual, jovem, de classe trabalhadora, brasileiro, enfermeiro etc (MOITA LOPES, 2003, p.20)

Desta maneira, somos membros de inúmeros discursos, e assim, em cada discurso apresentamos uma de nossas identidades. Segundo Moita Lopes (2003, p.19), todo discurso implica alteridade e situacionalidade. Assim, é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: .

é preciso considerar que toda narrativa constitui, ao mesmo tempo história e ficção, verdade e imaginação... toda reconstituição do passado, ainda que ele tenha vivido por aquele que narra, será inevitavelmente construção de si e do outro, de sua história, invenção de si, ficção de si, a partir de como, no momento da enunciação, com as experiências e conhecimentos adquiridos, ele ou ela interpreta esse passado. (CORACINI, 2007b, p. 87)

3. Metodologia e análise

Para a realização da presente pesquisa foram utilizadas gravações feitas em áudio com 10(dez) cariocas migrantes na cidade de Bagé, cidade fronteira com o Uruguai, localizada no Sul do Rio Grande do Sul. Todos os entrevistados são militares e familiares de militares. O que foi postulado é que estivessem na cidade de Bagé há pelo menos um ano e dispostos a falar sobre a experiência de “estar entre dialetos e culturas”.

As perguntas feitas foram às seguintes: Conta-me um pouco da sua experiência quanto ao contato com o novo dialeto e cultura. Como foi no início o contato com a maneira de falar do gaúcho? E agora, como você vê o falar gaúcho? Você já sentiu algum tipo de preconceito quanto à sua maneira de falar? Você aderiu alguma expressão gaúcha?

Para preservar a identidade dos entrevistados, os nomes aqui mencionados são fictícios.

REC 01 (**Rúbia**) – *“Bom, eu acho o falar gaúcho muito engraçado/ quando eu cheguei na Cidade de Bagé eu achava graça de tudo né? Tudo que eles falavam era uma piada pra mim/do mesmo modo que eu falava/ porque toda vez que eu falava - ah fala de novo muito engraçado eu adoro carioca falando- né?”*

Rúbia assim como a maior parte dos entrevistados, atribui o adjetivo “engraçado” para designar o falar gaúcho, quando diz: “tudo que eles falavam era uma piada pra mim”, podemos aqui pensar que piada assume o sentido do novo dialeto e/ou sotaque, uma vez que para ela, o meio lingüístico que pertence ao “outro” é tão distante que se torna estranho, e por isso “muito engraçado”. No decorrer da entrevista ela diz não ter tido nenhum tipo de preconceito proveniente de seu modo de falar, e foi possível perceber que o luto abordado por Coracini (2007b, p. 86) se apresenta da seguinte maneira: Rúbia preserva na sua memória, no jeito de agir e de falar o morto⁶, ressaltando suas marcas identitárias de forma a ser reconhecida como não pertencente àquele grupo que está inserida. Desta forma, ela não faz luto de seu dialeto e nem do seu sotaque. Ela ainda afirma na entrevista que não adquiriu nenhuma expressão do falar gaúcho, confirmando o que Coracini (2007b, p. 86) aponta: “o morto está mais vivo do que nunca...”.

REC 02 (**Pedro**) – *“... senti muita dificuldade no início, pois palavra que a gente utilizava ou palavras aqui do próprio gaúcho que eles utilizam que a gente nunca viu /pelo menos no Rio de Janeiro /e tem certas coisas que eles dão duplo sentido ou então eles utilizam duas palavras para mesma coisa, isso daí eu achei diferente/ uma coisa que eu nunca tinha visto no Rio de Janeiro,/um exemplo assim do: por exemplo, eles chamam animal de cusco/ e cachorro...”*

Pedro tem medo da perda de sua identidade, isso se confirma quando diz: “a fala deles é muito diferente... a mais esquisita eu acho q é a deles...”. Ele não aderiu nenhum tipo de expressão, isso também pode ser visto no seu discurso. Em toda a entrevista, algumas partes não citadas aqui, ele mostra uma forte resistência quanto “falar igual o gaúcho”. Ele diz que para chamar o que ele conhece por cachorro, o gaúcho chama de “cusco”, confirmando o sentimento de estrangeiro quanto ao dialeto do “outro”.

REC 03 (**Nilton**) – *“eu senti certo preconceito por parte dos gaúchos, da... principalmente que eles falam da nossa utilização do “s” do puxado do “s” mas a gente mesmo a gente não percebe, mas a gente analisando as duas línguas dentro de um próprio Brasil a gente vê que há uma diferença grande mesmo/e acaba percebendo que o carioca tem esse puxado né?”*

Nilton em todo seu discurso enfatizou o sotaque, uma vez que entendemos por sotaque como uma maneira particular no pronunciar das palavras (entonação, fonema). Esse “puxado do “S” refere-se ao som fonético produzido pelo falante carioca, onde ao pronunciar palavras que têm a letra “S” no final das sílabas, produz o som [ʃ]. A língua é um marcador visível da nossa identidade, e através dela, que deixamos rastros que nos anunciam ser “daqui”, ser de “lá”.

⁶ Lembrando que o “morto” refere-se à língua deixada para trás, mais precisamente, o dialeto. Uma vez que o falante está inserido em um universo lingüístico e cultural diferente do que denota “seu”.

REC 04 (**Bruno**) – “... apesar de haver uma grande diferença de sotaque/as formas de falar no fundo no fundo acabam sendo iguais porque/ tanto no Sul quando no Nordeste (que foram as regiões pelas quais eu já passei...) apesar de haver uma diferença no pronunciar das palavras, ta mais do que comprovado que o português ta correto e tanto lá como lá no nordeste como aqui no sul, como no sudeste/ existem expressões do falar mais errados// a recepção do gaúcho à maneira de falar não foi preconceituosa, vamos dizer que foi engraçado porque a diferença/maior diferença que o pessoal sentiu com a forma deles de falar é aquela coisa do puxar o “S” né?// Não, não aderi a expressão gaúcha nenhuma, eu/ tenho uma certa resistência de falar as expressões do povo gaúcho...”

Bruno afirma nessa narrativa, que embora haja diferenças no pronunciar das palavras de acordo com cada região, o português falado está “correto”. Cabe ressaltar, que ao dizer que “ta mais do que comprovado que o português ta correto”, tenta evocar uma voz de um dito conhecimento prévio científico, adquirido através de supostas pesquisas divulgadas no âmbito da mídia. Mas, também diz que independente da região “*existem expressões do falar mais errado*”. Podemos pensar no que o levou em sua narrativa dizer: “... o português falado está correto” uma vez que as perguntas se referiam quanto sua visão em relação ao contato com o novo dialeto. Aqui talvez possamos pensar nos estereótipos criados pela sociedade para designar o dialeto de cada região, pois se perguntarmos para uma pessoa de outras regiões como é visto o falar gaúcho, embora cada um tenha uma opinião diferente se assemelham quando dizem que é o “falar mais correto”.

REC 05 (**Miguel**) – “... eles dizem que parece que nós temos uma panela de pressão/ chamamos muito mais eu acho que.../ a única coisa é que eles gostam de sacanear, assim como nós sacaneamos as expressões deles eles gostam de / de tirar um sarro assim com carioca /mas eu acho que comparando o Brasil, a fala deles é muito diferente eu acho que é/ a mais esquisita eu acho que é a deles não a nossa do chiado// e na realidade eu não aderi nenhuma expressão assim gaúcha...”

No discurso de Miguel, nota-se nitidamente o sentimento de estrangeiro. Aqui temos um bom exemplo para ratificar o que Coracini (2007a, p. 131) diz com relação a essa questão: “um sentimento de mal-estar emerge frequentemente através de uma espécie de embaraço cultural provocado pela língua de outro em confronto com a língua dita materna”. Na realidade, aqui podemos observar que além desse “sentimento de mal-estar” é possível também perceber uma reação de defesa de sua identidade aclarada quando diz que: “... eles dizem que... chamamos muito...” e no decorrer de sua fala também diz: “... comparando o Brasil... a mais esquisita eu acho que é a deles não a nossa do chiado”. Quando Miguel compara o Brasil e adota uma concepção de fala “mais esquisita” para o novo dialeto e/ou sotaque que o cerca, podemos considerar que esse adjetivo foi atribuído em resposta ao incomodo que lhe parece causar quando sua “língua materna”⁷ é motivo de brincadeiras. Nesse sentido, podemos dizer que a identidade lingüística-cultural que

⁷ Lembrando que língua materna deve ser compreendida aqui na mesma acepção de dialeto e/ou sotaque do falante.

constitui todo ser, mesmo que inconsciente, é sem dúvida, onipresente na vida em cada um.

REC 06 (Ivan) _ *“a gente já tem, a gente tem o dialeto distinto de todos os Estados né? Então a gente fala puxando o “S” né?... e o pessoal já vê a que a gente não é do estado né? vê que a gente é Carioca pelo sotaque ta entendendo? Porque nosso sotaque é bem distinto, é bem distinto do Rio Grande do Sul... todos esses lugares que eu já fui, o pessoal, quando a gente fala, o pessoal “Po, você é Carioca né?!” eu digo: _ sim, sim, sou Carioca... Por causa dos dez {z=(j)} reais né?! ... porque nesses estados o pessoal fala o “S” né? com som de [S]. ... quando você chega num estado né?o pessoal já// destaca você né? pelo seu, pelo seu modo de falar...um ano que passei aqui foi o suficiente para pegar um pouco do sotaque deles né?”*

Através do discurso de Ivan é notado que o trabalho de luto, assim denominado por Freud, se apresenta da seguinte maneira: o morto permanece vivo, uma vez que pode ser visto *“na repetição dos traços, rastros que sobre-vivem naqueles que com ele viveram e que são a garantia de sua sobre-vida...”* (CORACINI, 2007b, p.86) Desta forma, aqui pôde ser notado um falante que embora dissesse ter adquirido um pouco de sotaque pela convivência em outro meio lingüístico, não foi percebido em seu discurso em nenhum momento indícios que assim o fizessem. Quando diz: “sim, sim, sou carioca...” podemos entender como um visível marcador identitário, a fim de ser notado e reconhecido como não pertencente àquele meio lingüístico. Desta maneira, vale ressaltar que durante toda a entrevista o falante deu ênfase ao seu dileto e sotaque, reafirmando o que foi dito, o morto permanece vivo” *não apenas na lembrança, mas nos hábitos, nas atitudes, no pensamento, na maneira de agir...”* (CORACINI, 2007b, p. 86)

REC 07(André) _ *“no quartel que eu fui perceber mais o sotaque mesmo deles né?! e, e achei engraçado né?! muito engraçado, muito estranho, muito diferente, pode até ser a maneira mais correta assim de falar, mas não sei mas muito estranho... tem muita coisa hoje em dia que eu já falo é/que é do sotaque gaúcho sem sentir né?.. muitas gírias assim eu to falando... eu percebo quando estou falando quando eles riem de mim e quando me apontam né?! falando que eu estou falando igual a eles... no início eu achei muito engraçado então e queria falar engraçado também.. queria imitar porque eu achava engraçado... por isso que eu/eu comecei a falar igual a eles/ mas agora já / as vezes não é nem é imitação, já estou falando já, só vou perceber... quando estou falando igual a eles eu não me dou conta só vou me dar conta quando alguém me fala, eu acho que é pelo tempo né? no início... eu me dava conta, eu mesmo percebia aí eu parava e ria... hoje em dia eu não percebo as pessoas que me falam...”*

Aqui temos um fiel exemplo quanto ao olhar de um estrangeiro mediante ao estereótipo construído para caracterizar o dialeto no novo meio lingüístico que o falante está envolto. Contudo, vale ressaltar quando André diz: *“pode até ser a maneira mais correta assim de falar...”* demonstrando assim, a sua visão que naturalmente foi construída através do discurso proveniente de várias outras pessoas, dessa maneira, o estereótipo aqui se confirma quanto à ideologia que os falantes de outros estados possuem

quanto à maneira de falar do gaúcho. André atribui os seguintes adjetivos para designar o que para ele lhe parece o dialeto e /ou sotaque do outro; “*muito engraçado, muito estranho, muito diferente...*”, enfatizando posteriormente, “*muito estranho*”. Para ele, o conflito com sua identidade lingüística e a do outro pela qual se deparou foi tão intenso e chocante, que tudo lhe parece não somente estranho, mas muito estranho. Nesse sentido, podemos dizer que André se sente e se percebe um estrangeiro em seu próprio país. Quando diz: “... *eu comecei a falar igual a eles...*” quer dizer que de certa maneira, mesmo dizendo que começou falar igual ao novo grupo porque queria imitar porque achava engraçado, ele quer sentir-se parte do novo grupo que está inserido, por isso, que a maneira de falar do outro inicialmente lhe pareceu muito estranho, muito engraçado e muito diferente, fazendo com que ele se assumia algumas expressões do falar do outro. Isso se confirma quando diz: “*eu percebo quando estou falando quando eles riem de mim e quando me apontam né?! falando que eu estou falando igual a eles...*”

REC 08 (Ricardo) _ “*Eu já tinha contato com o dialeto gaúcho na escola né? só que/ quando eu me deparei com/ a maioria mesmo falando né? todos os gaúchos falando aqui, no começo eu achei engraçado, só que/ eu comecei a ficar de brincadeira, imitando, falando Ba, Tche,é.. e agora já to começando a pegar algumas expressões do sotaque gaúcho [...] eu falo pra descontraír, pro gaúcho falar assim “Po, um carioca falando Ba, Tche” mas eu não consigo parar de falar o Ba, o Tche, mesmo de brincadeira ... a sempre tem preconceito né? eles ficam sacaneando né? que a gente fala puxando o “R” né? que a gente fica falando palavrão né? só que acho que o sotaque gaúcho é muito mais engraçado do que o carioca né ...”*

Através desse discurso pode ser notado claramente um falante estrangeiro querendo ser aceito linguisticamente pelo outro. Isso fica explícito quando ele diz: “eu falo pra descontraír, pro gaúcho falar assim: “Po, um carioca falando Ba, Tche” . Contudo, notemos mais uma vez o aparecimento do adjetivo “engraçado” no discurso do migrante carioca quanto ao *dialeto e/ou sotaque*⁸ do outro. Devemos também levar em consideração que o “outro” também é visto pelo novo integrante daquele meio, considerado como “seu”. Tal fato pode ser observado quando Ricardo diz: “*eles ficam sacaneando né? que a gente fala puxando o “R” né? que a gente fica falando palavrão né?*” Isso se confirma quando estamos ouvindo uma pessoa com o dialeto e/ou sotaque diferente do que consideramos nosso e logo a percebemos como “a outra” pessoa, como falante não daquele meio lingüístico que adota como sendo “seu”, mas sim, como o falante que faz parte do meio lingüístico que pertence ao “outro”. Nesse sentido, “todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que posicionam no discurso de um modo singular assim com seus interlocutores...” (MOITA LOPES, 2003, p.20)

⁸ Algumas vezes, o conceito de dialeto e de sotaque parecem se perderem e tornar-se ser um só. Vale lembrar, que dialeto são variações de palavras que se tornam muitas vezes incompreensíveis por falantes de uma mesma língua. E o sotaque é a entonação, o fonema como é pronunciado pelo falante da mesma língua. Nesse sentido, devemos levar em consideração o emaranhamento desses conceitos devido ao distanciamento do sotaque e dialeto do carioca e do gaúcho.

REC 09 (**Vanessa**) – *“Quando eu cheguei aqui, eu achei diferente né, claro né? a gente sempre acha diferente né? ... O jeito que a gente tá / acostumado a escutar, sotaque diferente, pronúncia diferente, claro que, existe essa diferença né? lógico, mas eu sempre achei bonitinho né? o jeito deles falar... Eu não entendia muitas as expressões... os termos que os gaúchos utilizavam pra dizer determinadas coisas... eu estou sempre perguntando: o que é isso? O que você quer dizer com isso?... e até hoje é assim... mas já estou aqui vai fazer dois anos e... mas tem coisas que eu pergunto, realmente não sei o que quer dizer.”*

Pode ser notado através do discurso de Vanessa o sentimento de estrangeiridade, uma vez que a mesma afirma sobre a diferença que ela sentiu quando se deparou inicialmente com o novo dialeto. Aqui podemos destacar o conceito que atribuímos ao dialeto, com sua peculiaridade sendo observado quando ela diz: “o que é isso?”, “o que você quer dizer com isso?”, ou seja, esse discurso demarca uma falta de compreensão entre falantes da mesma língua materna. Nessa perspectiva, o sentimento de estrangeiridade se torna mais forte do que nunca, pois além do estranhamento ser sentido pela nova entonação no pronunciar das palavras, existe aqui também uma incompreensão quando ao sentido das palavras. Desta maneira, podemos afirmar que as questões lingüísticas que envolvem os migrantes falantes em todas as regiões do país, é sem dúvida, uma problemática que ultrapassa os conceitos.

REC 10 (**Marcelo**) – *“A diferença principalmente foram eles comigo, né? até hoje mesmo é assim, eu falo com uma pessoa que não conheço, ela diz assim: “ah você não é daqui” aí já vai querer imitar o modo como eu falo, fala que eu falo chiado, e tudo mais... Mas foi um pouco diferente assim/[...]/ Eu já falei com meu irmão no telefone, meu irmão no Rio, eu liguei pra ele e eu falei: Aí cara, eu vou fazer um favor pra ti, ele “pra ti? Aí eu: É po, pra ti. Ta gauchinho? [...] eles prezam muito o tradicionalismo né? ... Você na rua pessoas vestidas a caráter... é estranho? É. mas...temos que respeitar a cultura deles.”*

Marcelo diz que inicialmente não houve de sua parte estranhamento quanto ao dialeto e/ou sotaque do gaúcho, mas posteriormente, ele diz ter sido “*um pouco diferente*”. Uma marca bem interessante nesse discurso é quando ele diz: “há você não é daqui”, esse tipo de frase é o paradigma de indagação que o falante estrangeiro recebe quando está inserido em um meio lingüístico-cultural diferente do materno. Essa percepção se torna possível através do discurso do falante, que funciona como uma espécie de denúncia marcada pelo seu modo de expressar a fala, o modo de articulação pronunciada pelo falante. Lembrando que cada um de nós temos esse marcador identitário, uma vez que somos constituídos pela língua que nos cerca desde a infância. Quando ele diz que ao falar com seu irmão pelo telefone utiliza a expressão: “pra ti”, notamos que imediatamente seu irmão sente esse estranhamento e responde: “pra ti?... ta gauchinho?”. Questões como essa são bem comuns quando tratamos de falantes migrantes, é como se tivéssemos uma força interna que nos motiva a delimitar a língua que é dita “minha” com a do “outro”, como quiséssemos manter a nossa língua que

achamos ser pura e homogênea, não a misturando com a do outro. “Assim, o sentimento de unidade e de identidade se superpõe à hibridação que constitui todo sujeito e faz esquecer que somos/ estamos todos entre - línguas, pois não há língua pura, original, primeira...” (CORACINI, 2007a, p. 132)

4. Considerações finais

Considerando-se o conjunto de dados obtidos nas entrevistas, juntamente com os aportes teóricos aqui citados, foi possível compreender aspectos que unificam questões teóricas aqui abordadas com os dados coletados. Vale aqui ressaltar, os estereótipos enquanto à língua (dialeto e/ou sotaque, enfim, tudo que demarca o falante enquanto pertencente a um determinado meio lingüístico-cultural), do outro. Isso ficou visível na maioria dos discursos dos entrevistados.

Nas entrevistas foi possível detectar através dos discursos dos migrantes cariocas o olhar de seu dialeto e/ou sotaque como é visto pelo outro. O dialeto delimita e designa quem somos dentro de um contexto regional. Como é visto o dialeto e/ou sotaque do outro mediante ao nosso olhar? O que nos representa enquanto pessoas quando ouvimos um mineiro, um carioca, um baiano, um gaúcho, ou paraibano falando? Qual é a imagem que trazemos acoplado à sua maneira de falar?

Se refletirmos quanto à concepção de língua que adotamos dentro do contexto de nosso país, perceberemos a influência que sofremos de correntes provenientes da mídia por todos os meios de comunicação. Quem nos diz que um determinado dialeto e/ou sotaque é o mais bonito, ou mais feio, ou mais correto ou o mais errado? O que nos resta é tornarmos críticos quanto ao modelo de língua que nos é apresentada como padrão.

5. Referências bibliográficas

CORACINI, Maria José R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade. Línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução.* São Paulo, Mercado de Letras, 2007a.

CORACINI, Maria José R.F. Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. In: KLEIMAN, Ângela & CAVALCANTI, Marilda (orgs.). *Lingüística Aplicada: suas faces e interfaces.* Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MOITA LOPES, L. P. *Discursos de Identidades.* Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

